

da dívida começa amanhã em Nova Iorque

Brasília — Será efetivamente iniciada, amanhã, em Nova Iorque, a renegociação da dívida externa brasileira, que, ao final deste ano chega a 100 bilhões 228 milhões de dólares. Os representantes do Brasil nos entendimentos com os bancos credores serão o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, e o diretor da área externa, José Carlos Madeira Serrano.

A renegociação, agora, assumirá mais claramente uma feição política. Com a eleição do ex-Governador Tancredo Neves já praticamente garantida, os negociadores brasileiros tentarão conseguir formas mais suaves de resgatar os compromissos externos, principalmente depois que o País chegou ao acordo com o Fundo Monetário Internacional, para assinar a 7ª Carta de Intenção.

Garantia

Para os banqueiros, porém, torna-se fundamental uma espécie de garantia a ser dada pelo futuro Presidente, quanto ao cumprimento integral dos compromissos assumidos pelo Brasil. Tancredo Neves, aliás, cuidou de enviar diversos sinais a Wall Street, em Nova Iorque, e a City, em Londres, no sentido de que está disposto a não fugir aos compromissos, desde que o Brasil disponha de condições para enfrentar com alguma margem de tranquilidade os fenômenos econômicos de 1985 e 1986.

A preocupação do candidato da Aliança Democrática e de seus aliados da Frente Liberal tem razão de ser: o grosso das amortizações referentes ao endividamento externo brasileiro vence nos próximos cinco anos. Os dados mais recentes divulgados pelo Banco Central mostram que, em 1985, vencem 11,39% da dívida; em 1986, 15,28%; em 1987, 15,54%; em 1988, 14,58%; em 1989, 12,83%. A partir daí, a curva de amortizações começa a apresentar um sensível declínio.

É justamente para estes cinco anos que o Governo brasileiro quer um desafogo, representado por uma renegociação de caráter plurianual, jogando a dívida para a frente, com alguns anos de carência, além de reduzir o *spread* (taxa de intermediação) dos bancos. Em suma, o Brasil quer condições semelhantes às que o México e a Venezuela conseguiram de seus credores.

Compromisso

Para sensibilizar os bancos credores, o Brasil vai dispensar o pedido de recursos novos, acenando com uma estimativa de ingresso de 3 bilhões 666 milhões de dólares originários de financiamentos oficiais e créditos de fornecedores e compradores. Para as autoridades monetárias, esses recursos serão suficientes para cobrir o déficit em conta-corrente previsto para 1985, da ordem de 3 bilhões de dólares.

Técnicos vinculados a Tancredo Neves, contudo, argumentam que a estratégia de barganhar a dispensa de novos recursos pela concessão da renegociação plurianual deve ser colocada no condicional. O Brasil deve aceitar conversar nesse nível, mas os bancos credores devem comprometer-se a oferecer novos recursos, a partir de 1986, se a situação econômica internacional levar o país novamente a uma situação de colapso.